

Miguel Esteves Cardoso, José Pacheco Pereira e David Fonseca têm-nos. Também os têm anónimos Jões, Ritas e Marisas, intelectuais, avós, designers, professores e adolescentes mais ou menos suburbanos. Mas porquê? Afinal, o que é um blog?

Abreviatura de *web log* (log = registo, rol), um blog é antes de mais um site frequentemente actualizado. Conta quem sabe que nos finais de 1997 existia nos EUA uma meia dúzia de páginas na web dedicadas ao registo e comentário dos sites por onde os seus autores iam passando. Pertenciam a pessoas familiarizadas com a construção de sites e, provavelmente, a quem lidava com este meio também a nível profissional. Ao destacar e criticar determinadas páginas e seus autores estabeleceram aquilo que até hoje se mantém como principal atractivo dos blogs: a sua componente de *filtro*, que actualmente transbordou da web para a actualidade em geral. Em 1999, quando o número destes blogs primitivos era já demasiado elevado para que alguém pudesse segui-los ou mesmo conhecê-los a todos, surgiu a primeira das ferramentas responsáveis pela explosão desta nova modalidade de site: O Pitas.com (<http://www.pitas.com>), seguido ainda no mesmo ano pelo Blogger (<http://www.blogger.com>). Estes sites proporcionam desde então uma forma gratuita de criar e alojar um blog a qualquer indivíduo com acesso à internet, mesmo ao mais desprovido de conhecimentos informáticos. Para o fazer pouco mais é preciso do que aceder ao site, escolher um nome de utilizador e um *template* (aspecto gráfico) de entre os vários disponíveis.

Com o blog criado, a coisa começa a complicar-se: mais alguém o lê? É afinal isso que quero? (obviamente que sim) O que acham dele? Que links e *add-ons* devo acrescentar-lhe? (sim, um blog é um exercício narcísico - há mesmo quem lhes chame *ego trips*). Começa-se por acrescentar um contador de visitas. Depois, um sistema que permita aos visitantes comentar os vários *posts* (entradas de texto que constituem o blog). Aqui o blog torna-se interactivo e o seu autor começa a competir secretamente com os blogs vizinhos pelo número de comentários que cada post obteve.

Outros ingredientes comuns: links para blogs de amigos ou com os quais se mantém um tácito acordo de “eu *linko* para o teu e tu *linkas* para o meu” (e assim tomam forma os vários núcleos de bloggers), alguma informação sobre o autor (curiosamente inexistente na maioria dos blogs portugueses mais opinativos), o livro que se está a ler e/ou o disco preferido do momento, etc. E que mais pode um

*blogger* fazer quando não está a engendrar o próximo post? Traçar a “árvore genealógica” do seu blog no BlogTree (<http://www.blogtree.com>), identificar-se perante a *blogosfera* com um BlogChalk (<http://www.blogchalking.tk>), ver a cotação do seu blog subir e descer no BlogShares (<http://blogshares.com>), saber quais são os bloggers que moram mais perto no GeoURL (<http://geourl.org>), instalar uma Web Fire Escape (<http://weblog.garyturner.net/escape.html>) que lhe permita numa emergência fazer rapidamente de conta que está a trabalhar e não a *blogar* e regressar ao seu próprio blog uma ou duas vezes entretanto para ver se por acaso alguém deixou um comentário.

O que têm todas estas pessoas para dizer? Têm antes de mais um espaço para dizer publicamente e de forma livre o que bem lhes aprouver, o que cria uma certa ilusão (ou realidade?) de “ser ouvido”. O que dizem é outro assunto. Olhando para a *blogosfera* portuguesa, creio não ser disparatado estabelecer três tipos principais de blogs: os de opinião, os mais pessoais e os mais “técnicos”.

Os primeiros começaram a multiplicar-se nos finais de 2002 e dedicam-se ao comentário político e social. Os mais interessantes pertencem não a totais desconhecidos mas naturalmente a quem, já com prática da escrita, neles encontra um espaço com novas e sedutoras características. Têm-se visto a si próprios um pouco como a *next big thing* (só que o *hype* dos blogs foi no ano 2000) e passam demasiado tempo a discutir-se uns aos outros. Em alguns casos, no entanto e para quem gosta do género, são de facto uma excelente alternativa à crónica jornalística. Submetidos à lei do mais forte (assim funciona a web), veremos quantos se mantêm activos daqui a meio ano.

Nos blogs “pessoais” incluem-se tipos de escrita e objectivos muito diversos. De diários adolescentes em versão electrónica a divagações mais ou menos poéticas e bem conseguidas, são em geral mais modestos que os anteriores em ambições (e ideias também).

Os mais “técnicos” (o termo não é o melhor) são os descendentes directos dos primeiros blogs, mais voltados para a própria web e construídos por quem dela faz também emprego ou principal ocupação. Aqui encaixam ainda muitos blogs dedicados a temas específicos e projectos em curso (profissionais ou não), blogs-portfolio, blogs sobre blogs, etc.

Nota: Pessoalmente, mantenho um blog desde 2001 (<http://rosapomar.blogspot.com>). Mais ou menos activo consoante a conjuntura, começou por ser uma forma divertida de dar notícias a amigos durante uma longa viagem e foi ficando. Gosto de lá passar um bocadinho todos os dias, como quem se dedica a outra coisa qualquer.

Números: O Google encontra 5.030.000 páginas com o termo “blog”. 6 livros dedicados em exclusivo ao assunto à venda na Amazon.com. 1 milhão e meio de blogs registados no Blogger 1.100.000 no LiveJournal (<http://www.livejournal.com>), congénere preferido por pelo menos 350 portugueses, dos quais 508 mil activos (<http://blogcount.com>).

Principal lista de blogs portugueses: <http://blogsempit.blogspot.com>.

Rosa Pomar